

A FÁBRICA DE VIOLENTOS

*Por dr. Antônio Márico Junqueira Lisboa**

Estudo e escrevo sobre violência há muitos anos. Criei o Comitê de Defesa da Criança quando presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria; coordenei a Comissão Criança e Constituinte, em Brasília; participei da elaboração do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA); fui membro do CONANDA durante dois anos; participei de inúmeras reuniões sobre o tema onde estavam presentes desde ministros a pessoas do povo; tentei convencer Governadores, Ministros de Estado, autoridades, e mesmo profissionais que se dedicavam ao tema de que as ações dirigidas para prevenir a violência estavam equivocadas, que medidas repressivas, embora até justificáveis, eram paliativas. Quantas vezes eu profetizei “em poucos anos, as pessoas honestas passarão a ser prisioneiras dos bandidos”. Se não chegamos lá, falta pouco.

Infelizmente, consegui sensibilizar poucas pessoas e nenhuma autoridade. Triste e deprimido com as notícias diárias de violências, descritas nas manchetes dos jornais e vistas pela televisão, sentindo-me impotente para mudar esse quadro, venho tentando conseguir todos os espaços possíveis para divulgar minhas ideias e dar minha pequena contribuição para a diminuição de um dos problemas que mais nos aflige. Para uma melhor compreensão tentarei, com um pequeno exemplo, mostrar-lhes como eu vejo e sinto as medidas que vêm sendo preconizadas para prevenir e combater a violência.

O presidente de um pequeno país resolveu construir duas fábricas de automóveis, para atender aos anseios da população. As fábricas ficaram prontas e os carros foram lançados no mercado. Logo, os consumidores começaram a reclamar. Até 6 mil quilômetros as coisas caminhavam relativamente bem. Daí para frente, os problemas, de toda sorte, começavam. O diretor da fábrica criou programas especiais para atender aos consumidores: “de combate às panes elétricas”, “de proteção à pintura”, “de conservação e troca de pneus”, “de substituição dos vidros”, “de recuperação de carros novos (que eram frequentemente mal reparados por falta de peças e de pessoal habilitados)”, “de recuperação de carros mais velhos (nesses, os carros ficavam meses ou anos jogados em um depósito, expostos ao tempo, sem nenhuma proteção)” e muito mais.

Cada vez que o povo gritava, a diretoria, com o apoio do governo, criava um novo programa e dizia: “Com o ‘Programa contra a Ferrugem’, os carros não darão mais problemas” ou “Com mais mil operários contratados, melhorando a iluminação da fábrica, e comprando mais aço, ferro, tinta, estofados, todos os programas serão melhorados e as queixas acabarão”. Ledo engano. Tudo seguia igual. A direção da fábrica e o governo não sabiam o que fazer, a não ser enfiar milhões de dólares nas dezenas de programas, que não resolviam nada.

O diretor da fábrica 2, que trilhava o mesmo caminho, teve um ideia genial. Chamou um grande engenheiro epidemiologista (será que isso existe?) para estudar o problema. Examinou os carros

detalhadamente e chegou à conclusão de que os problemas tinham origem na fábrica ou em acontecimentos que costumavam ocorrer nos primeiros seis mil quilômetros rodados. Após um estudo metucioso, chegou à conclusão de que havia necessidade de se modificar pouca coisa na fábrica, mas muito na conduta dos motoristas.

Os pneus acabavam, porque poucos faziam balanceamento, rodízio, calibragem. O sistema elétrico entrava em curto porque o rádio permanecia ligado e usavam os faróis para iluminar o jardim. Os estofados acabavam porque os gatos e cães usavam os bancos para dormir e como sanitários. Os motores grimpavam porque ninguém via o nível de óleo. Os radiadores ferviam por falta de água. Os amortecedores quebravam porque ninguém dava bola para os buracos. O sábio engenheiro fez um pequeno manual chamado “COMO CUIDAR BEM DO SEU CARRO”, que foi distribuído, gratuitamente, a todos os compradores, e, daí em diante, os defeitos foram diminuindo progressivamente e as dezenas de programas criados passaram a ser desativados.

A maioria das pessoas violentas sofreram privação materna ou maus tratos na infância, principalmente antes dos seis anos. Sendo assim, porque não se investir em um manual, que seria distribuído a toda população, chamado “COMO EDUCAR E CUIDAR DAS NOSSAS CRIANÇAS PARA CONSEGUIRMOS DIMINUIR OS PORTADORES DE COMPORTAMENTOS ANTISSOCIAIS, RESPONSÁVEIS POR TODOS OS TIPOS DE VIOLÊNCIA”.

****Natural de Leopoldina (MG), o especialista formou-se em 1950 pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Participou de 52 bancas examinadoras. Publicou 74 trabalhos. 362 artigos na imprensa leiga; 12 livros. Apresentou 378 trabalhos. Durante a sua vida, percorreu diversos cargos e instituições. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) – Gestão 1988-1989, médico da Aeronáutica, funcionário do Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (HSERJ), membro da Academia Nacional de Medicina e professor titular da Universidade de Brasília (UnB). Participou ativamente da fundação de diversas instituições científicas, dentre elas, a Sociedade de Pediatria do Distrito Federal (SPDF) e o Centro de Estudos Perinatais do Planalto Central. Desde 1997 é membro titular da Academia Brasileira de Pediatria (ABP) e atualmente integra o Conselho Fiscal da SBP.***

